

## 18ª Jornada de Agroecologia – Curitiba, 2019

### Agroecologia, Educação e Projeto Social Emancipatório<sup>1</sup>

Roseli Salete Caldart<sup>2</sup>

(Por uma agenda de combate à alienação e à devastação da vida!)

1. A agroecologia trata de uma *forma de agricultura* ou um *modo de produzir* fundamentado em uma abordagem *ecológica e social* da relação dos seres humanos com a natureza (totalidade que integram) e entre si, mediada pelo *trabalho*. Abordagem que foi perigosamente perdida com o domínio das relações de produção capitalistas. O avanço desse reencontro é questão urgente, antes que a humanidade não tenha mais como lembrar que as relações de trabalho não precisam ser antagônicas e de destruição de seu pressuposto material necessário: a vida.
2. O nome “Agroecologia” identifica um esforço historicamente recente de elaborar como *ciência*, sistemas de conhecimento e concepções de mundo presentes em práticas ou formas tecnológicas ancestrais de agricultura. E presentes em denúncias e lutas, antigas e novas e cada vez mais contundentes, contra os efeitos ambientais e sociais do *modo capitalista de fazer agricultura* (e de fazer ciência a seu serviço). Trata-se de um “logos” que expressa uma dinâmica viva, “poiesis” (produção material, tecnologias) e “práxis” (relações sociais, cultura, luta) que desde a agricultura, e se estendendo além dela, constrói um *movimento consciente de combate à alienação e à devastação da vida*, em todas as suas formas e dimensões. É parte da luta de reapropriação dos meios de produção pelo trabalho vivo; na terra, na cultura, na ciência, na educação...
3. A relação entre agroecologia e ciência não dá conta da totalidade das dimensões que ela envolve. No entanto, *entender como a agroecologia se conecta ao desenvolvimento histórico da ciência é crucial para compreensão de seus fundamentos e para incidir sobre seu destino*. Isso porque a ciência é a forma de conhecimento que a humanidade construiu visando apreender as conexões essenciais que determinam o que uma realidade (natural ou social) é e tende a ser e permite chegar a princípios universais de como agir sobre ela. *A agroecologia se alimenta do acúmulo histórico da ciência e incide dialeticamente sobre seu desenvolvimento*, sendo parte dele. O desenvolvimento da ciência, como de tudo, não é linear e sim espiralado, envolvendo contradições, tensões e rupturas. Não se faz ciência fora de determinações sociais e fora da história. E a história da ciência não começa nem se esgota na forma (histórica) que seu método de produção assume no capitalismo (cientistas profissionais, especializações, laboratórios,...). O vínculo orgânico da atividade científica com práticas que confrontam as premissas da agricultura capitalista traz novas exigências epistemológicas que confrontam a ciência que a fundamenta (conteúdo e forma). E o resultado desse confronto passa a incidir em outras práticas e na produção da ciência. *Não há ciência emancipatória sem práticas emancipatórias* que a alimentem e que ela ajuda a alimentar.
4. *As bases práticas e científicas da agroecologia indicam o futuro da agricultura*, sua transformação histórica a partir de seus fundamentos e suas finalidades de origem. Nos meios bem informados da sociedade já não há dúvida sobre isso. Mas essa transformação poderá ser menos ou mais radical a partir de como seus sujeitos se movimentem sobre as determinações sociais de seu desenvolvimento atual. Poderá ser uma revolução agrícola que dê um novo fôlego para o necrosado agronegócio e mais amplamente para o modo de produção capitalista. Ou um

---

<sup>1</sup> Para exposição na Mesa “Agroecologia: cultura e ciência popular na resistência dos povos no território”, debate compartilhado com José Maria Tardin e Ana Chã em 30 de agosto 2019.

<sup>2</sup> Do Setor de Educação do MST e do Fórum Nacional de Educação do Campo.

componente da estratégia de transição a um modo de produção pós-capitalista (transição socialista). Se os grandes estudiosos da história do capitalismo estiverem certos, *o desenvolvimento radical da agroecologia (como alternativa abrangente e hegemônica) não será possível nos marcos das relações capitalistas*. A transformação da propriedade privada da terra em agricultura industrial capitalista é o modo apropriado para sustentação da reprodução expansiva do capital. O capitalismo é o sistema social mais orgânico que a humanidade já construiu (suas partes constitutivas se apoiam e se sustentam reciprocamente<sup>3</sup>). Por isso mudar a forma de agricultura significa desequilibrar o sistema orgânico do capital e na parte que está em sua gênese: o capital surgiu da *alienação da terra*. E a lógica da exploração é do seu “DNA”.

5. *Na mesma proporção de sua força orgânica, o sistema do capital se move entre contradições “perigosas”, como a da exploração ilimitada dos bens naturais. Por isso não consegue impedir a criação de alternativas à sua lógica*. Mas cria mecanismos para impedir que essas alternativas se desenvolvam de forma sistêmica. E ao mesmo tempo vai se movendo sobre suas próprias contradições sem resolvê-las<sup>4</sup>. Diferentes dispositivos ideológicos, culturais e educacionais são usados para que todos pensem que as relações capitalistas são naturais e impossíveis de mudar. Na expressão de Linera<sup>5</sup>, é como se a lógica econômica do capital tivesse sido “tatuada no cérebro das pessoas”: elas não conseguem imaginar sua vida fora das relações mercantis e por isso têm dificuldade de entender a “crise estrutural do capitalismo” e que seus problemas cotidianos têm a ver com a insanidade da lógica de buscar resolvê-la. Um dos poderosos dispositivos ideológicos do capital é o da “supressão da temporalidade histórica” (Mészáros, 2009, p. 102). Impedir o conhecimento da gênese histórica de tudo que existe (do trabalho assalariado, da ciência, das tecnologias, do modo de fazer agricultura, da forma de cuidar da saúde, das relações de desigualdade,...) é uma distorção que leva a acreditar que o modo de produção capitalista é “eterno” e que no máximo pode ser “reformado”. Dispositivo perverso que precisamos desmontar.
6. A educação tem funcionado como um dos componentes orgânicos do sistema do capital, assim como a cultura e a produção da ciência e da tecnologia. Por isso mesmo, *intencionalidades educativas podem incidir sobre suas contradições na direção oposta, ajudando a “apagar” a “tatuagem” e a desbloquear a mentalidade das pessoas* para a possibilidade de outra lógica que não a da exploração capitalista e da desigualdade social cada vez mais ostensiva. O que não se pode ignorar, porém, é que a reconfiguração da totalidade depende de uma mudança no motor econômico do sistema, ou seja, no modo de produção. *O grande potencial formativo da agroecologia é que muitas de suas práticas conseguem materializar outro modo possível de produzir e de viver*: os meios de produção não precisam estar apartados do trabalho vivo; a terra não é igual à propriedade fundiária e pode ser repartida; as relações com a natureza e entre os seres humanos podem ser de interação e não de exploração; o trabalho pode ser planejado visando às necessidades humanas e não o lucro; a vida em comunidade pode ser retomada; novas relações

---

<sup>3</sup> Este conceito e a reflexão sobre o sistema capital como sistema orgânico podem ser aprofundados em MÉSZÁROS, I. *Estrutura social e formas de consciência*. São Paulo: Boitempo, 2009. O conceito está na p. 295.

<sup>4</sup> Muitos empresários da agricultura já entenderam a necessidade de mudanças na lógica depredadora de sua agricultura. Alguns ainda esperneiam com a violência que o poder do sistema do capital lhes confere (liberação desenfreada de agrotóxicos, desmatamentos insanos,...). Outros já trabalham por uma superação retroativa (o capital também conhece a dialética): buscam incorporar na produção componentes que embora originariamente contraditórios à sua lógica podem lhe dar um novo fôlego: em vez de restaurar a interação metabólica entre ser humano e natureza, os empresários do agronegócio “verde” agora tentam “imitar a natureza”, em uma projeção do futuro da agricultura que segue capitalista, com novas formas de subordinação da vida ao negócio. Isso move as contradições sem superá-las, dando um novo fôlego ao sistema. O negócio dos produtos agrícolas orgânicos é um exemplo forte e atual dessa distorção que tenta matar o germe revolucionário da agroecologia.

<sup>5</sup> LINERA, A. G. *O que é uma revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2018. 2018, p. 93.

sociais, de gênero e entre gerações podem ser construídas... Mesmo não sendo sistêmicas essas práticas, quando vivenciadas ou conhecidas, podem instigar “a revolta da natureza humana contra a alienação universal”<sup>6</sup>. Por sua vez, o trabalho educativo feito em conexão com essas práticas pode ajudar a expandi-las e a fortalecer os sujeitos diretos de sua construção. Nunca é demais insistir que não há agroecologia sem agricultores camponeses e em sua ampla diversidade.

7. *A busca de conexão entre as escolas de educação básica e a agroecologia é parte desse trabalho educativo.* Ela ajuda a demarcar a necessidade de envolver as novas gerações nesse circuito formativo; e de incluir a agroecologia na educação geral, alargada e multilateral, a que todas as pessoas têm direito, sejam ou não agricultoras, vivam no campo ou na cidade. *O encontro da escola com a agroecologia costuma ser tenso* (na educação básica e nos cursos técnicos). Porque assim como o sistema do capital criou um modo de agricultura que lhe é orgânico, criou também uma forma de escola que repele a conexão com processos que a podem subverter. Mas por isso mesmo, quando a agroecologia se insere em um ambiente que já é de resistência aos padrões educacionais que visam reduzir e subordinar a educação dos trabalhadores, *o encontro é metabolicamente saudável e fortalece a energia vital de seus sujeitos.* Intencionalidades pedagógicas básicas são geradas nesse encontro e o alimentam:
- (1) *A religação sensorial da juventude (das crianças, dos próprios educadores...) com a natureza e o trabalho vivo que produz alimentos.* Sentir abre o caminho para compreender o que já nem se repara que existe. Pode-se começar com ações simples de observar a natureza ao redor, reparar como a vida acontece, como tudo muda, se desequilibra, reequilibra; como o trabalho transforma a natureza, as pessoas, como se produzem os alimentos que comemos...
  - (2) *A restauração da temporalidade histórica.* Na base do estudo, em qualquer área, deve estar o cultivo da memória e o tratamento histórico de todos os fenômenos, naturais e sociais. A busca de sua gênese e a compreensão de seu desenvolvimento. De forma insistente e persistente. Subverter o dispositivo de eternização do presente é condição para participar conscientemente da construção do futuro<sup>7</sup>.
  - (3) *O ensaio real de relações sociais mais igualitárias,* de solidariedade, respeito à diversidade nas suas várias formas de expressão (cultura, sexualidade, valores culturais,...), de trabalho pelo bem estar coletivo, de amorosidade. Dentro da escola e na relação com seu entorno. Dificilmente um ambiente em que a concorrência entre indivíduos ou grupos isolados predomina acolhe a agroecologia. Será vista como “perda de tempo”.
8. *Compreender os fundamentos da agroecologia e sua construção histórica deve ser um dos objetivos da educação básica.* Formular um *método de estudo* adequado é um desafio específico a

---

<sup>6</sup> David Harvey fez uma obra sobre as “17 contradições e o fim do capitalismo” (São Paulo: Boitempo, 2016), distinguindo-as entre contradições *fundamentais*, *mutáveis* e *perigosas*. Uma das contradições “perigosas”, ou potencialmente fatais ao capitalismo, é a que se refere à revolta da natureza humana contra a “alienação universal”. Universal porque está em todas as outras 16 contradições e em todos os lugares e “perigosa” porque estamos chegando ao limite da condição humana de suportá-la. Seu resumo das diferentes dimensões da alienação: “O contato tátil com a mercadoria – seu valor de uso – é perdido e a relação sensorial com a natureza é obstruída pela dominação do valor de troca. O valor social e o significado do trabalho ficam obscurecidos na forma representacional do dinheiro. A capacidade de tomar decisões coletivas de maneira democrática é perdida na batalha perpétua entre as racionalidades conflitantes dos interesses privados isolados e dos poderes de Estado. A riqueza social desaparece no bolso de pessoas privadas (produzindo um mundo de riqueza privada e miséria pública). Os produtores diretos de valor são alienados do valor que produzem. A formação de classes cria um abismo intransponível entre as pessoas. A proliferação da divisão do trabalho torna cada vez mais difícil ver o todo em relação a partes cada vez mais fragmentadas. Todas as perspectivas de igualdade ou justiça sociais se perdem, e a universalidade da igualdade perante a lei é anunciada como a suprema virtude burguesa. Transbordam os ressentimentos acumulados diante da acumulação por espoliação no âmbito da realização do capital (por exemplo, despejos e execuções hipotecárias). A liberdade se torna dominação, a escravidão é liberdade” (2016, p. 248).

<sup>7</sup> O *túnel do tempo* que as escolas do campo trouxeram para a Jornada é um belo e forte exemplo dessa intencionalidade.

ser coletivamente assumido pelas escolas junto com os sujeitos diretos da produção agroecológica. A construção epistemológica da agroecologia é um processo dialético vivo e em acelerado desenvolvimento. Os debates que a integram precisam ser apropriados pelas educadoras para que dialoguem com as iniciativas de mudanças curriculares que visam superar a fragmentação do ensino e seu desligamento da vida real que tanto incomodam a quem faz educação com objetivos emancipatórios. Por isso a agroecologia não pode ser tratada na escola como algo à parte, “extracurricular”. É necessário “entrar na jaula do tigre” e enfrentar o debate sobre *concepção de conhecimento* e modo de estudar. Precisamos entender porque conteúdos importantes das ciências naturais e sociais estão no plano de estudos e parecem não estar, porque não se consegue compreender o que em tese explicam. As conexões não são feitas, a totalidade não se mostra e o conhecimento fica a meio caminho. Talvez porque cientistas tenham razão quando afirmam que não há real apropriação da ciência fora dos processos vivos em que ela é produzida. Mudar isso é tarefa de formação dos coletivos de educadores, de todas as áreas.

9. Nesse momento histórico e no nosso contexto cabe à *Educação do Campo* e particularmente às *escolas do campo* e aos *processos de formação orgânica de seus educadores* um lugar de destaque nessa construção pedagógica. Porque essas escolas e esses processos formativos são parte dos *territórios* (terra, água, floresta, sujeitos, comunidades, relações sociais, lutas, cultura, trabalho, sistemas de conhecimento ancestral, cosmovisões,...) em que se produzem, sobre contradições e conflitos vivos, as bases materiais da agroecologia. A *conexão educativa* pode ser construída diretamente, materialmente, *com os processos vivos de territorialização da agricultura agroecológica*, na sua diversidade (indígena, quilombola, Sem Terra, ribeirinha, extrativista, da agricultura familiar,...) e nos seus desafios comuns. Essa possibilidade desenha uma *nova função social para as escolas do campo*: passam a integrar os processos de reprodução social camponesa, sendo desafiadas a dar conta das exigências formativas cada vez mais alargadas de quem decide resistir e trabalhar no campo. Quebra o velho círculo vicioso de ter que sair do campo para estudar e estudar para sair do campo! Os  *cursos de formação de educadores*, conquistados pelas lutas de seus sujeitos, podem ajudar a *dar mais organicidade às práticas educativas que já se desenvolvem nessa conexão*. Essa tarefa inclui intencionalizar o diálogo crítico entre a construção histórica da agroecologia e a tradição pedagógica emancipatória em que a Educação do Campo se enraíza. Esse acúmulo ajuda a pensar a conexão no conjunto das escolas de educação básica.
10. A discussão que costuma ser feita nas comunidades sobre a “*transição agroecológica*” nos dá uma chave metodológica importante: a reconstrução ecológica e social da agricultura é necessariamente processual e se faz conforme as circunstâncias ou a situação objetiva de cada lugar, mas a decisão (política) de assumir a agroecologia como matriz produtiva não pode ser tomada aos pouquinhos ou o processo não começa. Na educação não é diferente. Tampouco na ciência, na cultura e na reconstrução da sociedade e da vida no planeta como um todo. *A tomada de decisão precisa de um motivo*, geralmente material e nem sempre expressão da totalidade que ela abrange; o processo vai alargando a compreensão e a intencionalidade das práticas vai permitindo chegar a essa totalidade. *As contradições e a insanidade de nosso tempo ampliam o repertório de motivos. É preciso esmero nas intencionalidades e na organização coletiva capaz de pô-las em prática*. Das iniciativas mais simples às mais complexas, dos gestos pessoais aos processos coletivos, tudo pode compor uma grande estratégia, que está para além de nós e nos envolve: a construção de um *sistema orgânico do trabalho* em que a agroecologia não seja algo “extraordinário” e sim o cotidiano daqueles e daquelas que decidam trabalhar pela produção da vida e sua reprodução ecológica e social plenamente sustentável...